

## LEGENDA MENOR

### (VIDA DE SÃO FRANCISCO DE ASSIS)

#### SÃO BOAVENTURA

##### CAPÍTULO 1 SUA CONVERSÃO

1. A graça salvífica de Deus apareceu nestes últimos tempos na pessoa de seu servo Francisco. O Pai das misericórdias e das luzes lhe preparou, em sua bondade, uma tal profusão de graças, como vemos ao longo de toda a sua vida, que não só o tirou das trevas da vida mundana conduzindo-o à luz, mas também o tornou famoso pela perfeição de suas virtudes e méritos, chegando mesmo ao estupendo e raro favor de imprimir em seu corpo os gloriosos mistérios da cruz. Natural da cidade de Assis, terras do vale de Espoleto, fora de início chamado por sua Mãe de João; seu pai lhe deu o nome de Francisco; mas, se conservou o nome que o pai lhe dera, não perdeu, contudo, a graça contida no que sua Mãe escolhera para ele. Durante a juventude cresceu no meio das vaidades dos filhos deste século e, depois de uma instrução sumária, lançou-se nas atividades do comércio que lhe deram bons rendimentos. Mas a graça de Deus não permitiu que seguisse os instintos desenfreados da carne, ainda que vivendo na companhia de jovens licenciosos, como também jamais se apegou desesperadamente ao dinheiro nem aos tesouros em meio a negociantes cobiçosos.

2. Deus de fato infundira no coração do jovem Francisco, juntamente com uma afetuosidade notável, uma generosidade e compaixão extraordinárias pelos pobres. Este sentimento foi crescendo em seu coração de filho a tal ponto que ele decidiu dar o que tivesse a quem quer que lho pedisse por amor de Deus, pois não era um ouvinte surdo do Evangelho. Ainda na flor da idade resolveu e prometeu ao Senhor jamais negar, sendo-lhe possível, o que lhe pedissem por amor de Deus. Nobre promessa que ele sempre observou sem quebra até ao fim da vida, valendo-lhe essa fidelidade sempre maiores graças e um maior amor a Deus. Havia, pois, no fundo do seu coração uma pequena chama de amor divino que ele alimentava continuamente. O jovem, porém, ainda desconhecia os segredos que o céu lhe haveria de revelar, mergulhado como vivia nas coisas deste mundo com todas as suas ambições, quando a mão do Senhor pesou sobre ele: uma grave doença e longa fraqueza o prostraram fisicamente numa provação que fez sua alma abrir-se à invasão e à iluminação do Espírito Santo.

3. As forças, porém, voltaram gradativamente; suas disposições interiores tinham passado por uma transformação e um progresso. Encontrou então um cavaleiro nobre de nascimento, mas desprovido de tudo. Imediatamente a lembrança de Cristo, nobre rei e pobre de tudo, comoveu a Francisco, que cheio de compaixão se despiu das roupas elegantes que acabava de mandar fazer para si e as deu ao pobre cavaleiro. Na noite seguinte, enquanto dormia, Aquele por cujo amor socorrera ao pobre cavaleiro mostrou-lhe, numa visão muito significativa, um vasto e maravilhoso palácio cheio de armas que tinham a marca da cruz; prometeu-lhe e garantiu que tudo aquilo seria para ele e seus soldados, se tivesse a coragem de tomar a cruz de Cristo como estandarte. Desde esse momento, Francisco se desligou das obrigações e da agitação dos negócios; procurava a solidão dos lugares isolados, propícios às lágrimas. Após longas e persistentes orações e gemidos inefáveis com que pedia ao Senhor lhe indicasse o caminho da perfeição, mereceu ser ouvido segundo seus desejos.

4. Certo dia, ao orar assim na solidão, apareceu-lhe Cristo Jesus crucificado e lhe disse: “Quem quiser vir após mim, renuncie-se a si mesmo, tome sua cruz e siga-me” (Mt 16,24). Esse versículo do Evangelho causou-lhe tão grande impressão, que lhe queimava dentro da alma como um fogo devorador e como um desejo imenso de sofrer com ele. Pois diante do Crucificado sua alma se derretia e a lembrança da paixão de Cristo se gravou no mais íntimo de seu coração, de tal modo que via quase ininterruptamente dentro de si com os olhos da alma as chagas do Senhor crucificado e externamente a muito custo conseguia conter as lágrimas e os suspiros. Abandonara por amor de Cristo Jesus, como bens desprezíveis, sua casa e toda

a fortuna que esta lhe reservara, mas sabia perfeitamente que descobrira um tesouro escondido e brilhante pérola preciosa. Ávido de possuí-los, resolveu desapegar-se de todas as suas posses e negociar, segundo o estilo de Deus, as coisas deste mundo com as do Evangelho.

5. Certo dia saiu Francisco pelos campos a meditar. Ao passar perto da igreja de São Damião, que estava em ruínas por ser muito velha, sentiu-se impelido pelo Espírito Santo e entrou para rezar. Prostrado diante da imagem do Crucificado, durante a oração sentiu-se inundado de extrema doçura e consolação. E enquanto, com os olhos marejados de lágrimas, fitava a cruz do Senhor, ouviu com os ouvidos corporais de modo admirável uma voz que vinha da cruz e que por três vezes lhe disse: “Francisco, vai, repara a minha casa que, como vês, está em ruínas”. Espantado de receber uma ordem tão extraordinária de uma voz tão estranha, transbordando de alegria e estupefato, imediatamente se levantou e se dispôs a obedecer, refletindo sobre os meios a empregar para reconstruir as paredes daquela igreja material. Mas a Igreja a que se referia a voz era a de Cristo resgatada por um alto preço; o Espírito Santo, mais tarde, lhe ensinou isso, e ele mesmo o revelou a seus amigos mais íntimos.

6. Sem perder tempo, assim que pôde, desfez-se de tudo por amor a Cristo, procurou o sacerdote pobre encarregado do santuário, ofereceu-lhe dinheiro para a restauração de sua igreja e para as necessidades dos pobres, e pediu a permissão de morar algum tempo com ele. O sacerdote concordou em hospedá-lo, mas não em receber-lhe o dinheiro, pois temia a família. Francisco, com total desapego, atirou a um canto da janela aquele punhado de moedas, julgando-as tão vis como lama. Vendo que por causa disso seu pai estava irado contra ele, para dar lugar à ira, permaneceu escondido durante alguns dias numa gruta oculta, para orar, jejuar e chorar. Enfim inundou-lhe a alma uma alegria sobrenatural; revestido da força do alto, saiu confiante de seu esconderijo e entrou na cidade corajosamente. Quando a juventude de Assis o viu chegar com a fisionomia de um asceta e a alma transformada, julgaram-no um louco, perseguiram-no como tal, lançando-lhe lama e cobrindo-o de insultos. Ele, porém, insensível e inabalável, passava por cima das injúrias como se nada fossem.

7. Mais enraivecido e furioso que todos estava seu pai, que parecia ter esquecido os laços de sangue e todo sentimento de compaixão. Arrastou o filho para casa, espancou-o e o lançou na prisão, para fazer a alma de Francisco voltar-se novamente aos suaves encantos do mundo, magoando e maltratando seu corpo. Mas teve que se render à evidência: o servo do Senhor estava disposto a suportar por Cristo os piores tratamentos. Viu claramente que não conseguiria demovê-lo de seus objetivos e fez questão cerrada de levá-lo diante do bispo da cidade, nas mãos do qual Francisco renunciaria a seus direitos de herança de toda a fortuna paterna. O servo do Senhor aceitou a proposta de boa mente. Ao chegar à presença do bispo, sem hesitar por um instante, sem esperar ordens nem exigir explicações, tirou todas as suas vestes e mesmo os calções. E como ébrio de espírito, não teve vergonha de sua total nudez diante de todos os assistentes, por amor daquele que por nós foi atado à cruz, nu.

8. Desde então, desprezando o mundo, livre das cobiças mundanas, deixou sua cidade natal, alegre e despreocupado. No meio da floresta, cantava ele em francês os louvores do Senhor, quando apareceram alguns ladrões. O arauto do Grande Rei, sem nenhum medo, continuou seu canto. Viajante seminu e desprovido de tudo, encontrava sua alegria, tal como o Apóstolo, nas tribulações. Amante que era de toda humildade, procurou os leprosos para servi-los. Obrigando-se a se curvar e a sofrer até se transformar em escravo das pessoas miseráveis e repugnantes, queria aprender o perfeito desprezo de si e do mundo, antes de ensiná-lo aos outros. Nenhum doente outrora poderia causar-lhe maior horror, mas pelo poder da graça com que fora cumulado, colocou-se à inteira disposição deles, com um coração tão humilde, que chegava a lavar-lhes os pés, atava-lhes as feridas, retirava-lhes os pedaços de carne podre, estancava o pus (cf. Lm 3,29). No ardor de sua extraordinária devoção, lançava-se ...s suas chagas purulentas para abraçá-las, aplicava os lábios sobre aquela decomposição para se saciar de abjeção, para impor ao orgulho da carne a lei do espírito e conquistar um domínio pacífico sobre si mesmo depois de vencer esse inimigo que cada um leva consigo.

9. Firmado nesta base da humildade de Cristo e rico de pobreza, embora nada possuísse, entregou-se à restauração da igreja, de acordo com a missão que lhe coubera do Crucificado, com tanto empenho, que carregava as pedras em seus ombros enfraquecidos pelos jejuns. Não se envergonhava de mendigar a sua

comida junto àqueles a quem outrora exibira suas riquezas. Alguns fiéis começavam a entrever o alto grau de virtude do homem de Deus: com a ajuda destes, bastante generosa, restaurou Francisco, depois de São Damião, as igrejas em ruína e abandonadas de São Pedro e de Nossa Senhora. Era um trabalho material que simbolizava antecipadamente a obra espiritual que o Senhor planejava confiar-lhe mais tarde. Pois assim como ele havia restaurado um tríplice edifício, assim também, sob seu impulso, a Igreja seria beneficiada com uma tríplice vitalidade, graças ao gênero de vida, à regra e à doutrina de Cristo transmitidos por ele. A voz que vinha do Crucificado dera-lhe por três vezes a ordem de reconstruir a casa. E nisso se vê também um sinal profético: nas três Ordens instituídas por ele.

## **CAPÍTULO 2**

### **FUNDAÇÃO DA ORDEM E EFICÁCIA DA PREGAÇÃO DE FRANCISCO**

1. Havendo terminado sua obra nas três igrejas, Francisco foi viver numa delas dedicada à Santíssima Virgem. Aí, pelos méritos e intercessão da Mãe de Deus que deu à luz o Preço de nossa redenção, foi julgado digno de aprender o caminho da perfeição mediante o Evangelho cujo espírito e verdade Deus lhe revelou. Certo dia, durante a missa, lia-se a passagem do Evangelho que relata como o Senhor enviou os discípulos a pregar e como estabeleceu a forma de vida segundo o Evangelho que deveriam observar: não ter nem ouro nem prata, nem dinheiro no cinto, nem sacola para o caminho, nem duas túnicas, nem sapatos, nem bastão (cf. Mt 10,9). A essas palavras, o Espírito de Cristo desceu sobre ele e o possuiu de tal maneira, que seu modo de vida se transformou radicalmente: nas idéias e sentimentos, nas vestes e no comportamento. Sem tardar, ele tira os calçados, lança para longe o bastão, abandona sacola e dinheiro, e fica apenas com uma pobre túnica, desfaz-se do cinto e cinge-se com uma corda. Sua única preocupação agora era descobrir como praticar o que ouvira e conformar-se perfeitamente à regra que os apóstolos haviam recebido como guia de conduta.

2. Como um outro Elias, começou Francisco a anunciar a verdade, no pleno ardor do Espírito de Cristo. Convidou a outros a associar-se a ele na busca da perfeita santidade, insistindo para que levassem uma vida de penitência. Suas palavras exprimiam a plenitude da força do Espírito Santo, não eram vazias ou ridículas, e calavam profundamente nos corações, de modo que seus ouvintes ficavam extremamente admirados e os pecadores obstinados se convertiam pelo poder que elas exerciam sobre eles. O que havia de sublime e de santo na obra iniciada por ele, muitos o descobriam na verdade de sua pregação simples, despreziosa, e de sua vida. A exemplo do santo começaram alguns a praticar a penitência e em seguida se associaram a ele, partilhando a mesma vida, usando vestes vis. O humilde Francisco decidiu que eles se chamariam Frades Menores.

3. O número dos Irmãos logo aumentou para seis, à medida que o Senhor os chamava. Como Pai cheio de amor, como pastor dedicado, Francisco procurava os lugares solitários para chorar os dias mal aproveitados de sua juventude, tempo de pecado, na amargura de seu coração. Implorava a misericórdia e a graça de Deus para si e seus Irmãos, de quem se fizera pai em Cristo. Um sentimento de alegria extática dominou-o totalmente e ele ficou sabendo que todos os seus pecados estavam perdoados completamente até ao último vintém. Foi arrebatado em êxtase e inteiramente absorvido numa espécie de luz vivificante e teve a clara visão de tudo o que lhe sucederia a ele e a seus Irmãos, como mais tarde contou confidencialmente a seu pequeno rebanho, para encorajá-lo, revelando o progresso e a extensão que a Ordem teria por providência de Deus. Pouco tempo depois, ingressaram na Ordem outros Irmãos, elevando-se o número deles a doze. Francisco decidiu apresentar-se, juntamente com o seu grupo de homens simples, diante da Santa Sé. Queria solicitar do Santo Padre, com insistência, que aprovasse com a plenitude de sua autoridade a Regra de vida que o Senhor lhe revelara e ele mesmo redigira com poucas palavras.

4. Estava Francisco a caminho com seus Irmãos, disposto a levar a termo seu plano e obter uma audiência com o Sumo Pontífice, Inocência III, quando Cristo, força e sabedoria de Deus, se antecipou e preparou-lhe a chegada. Em sua misericórdia, dignou-se, por meio de uma visão, informar a seu vigário na terra que acolhesse sem dificuldades o pobrezinho e lhe concedesse benignamente anuência a seu pedido humilde. Viu o Pontífice Romano em sonho a basílica do Latrão prestes a ruir, mas um pobrezinho,

homem pequeno e de aspecto miserável, sustentava-a com seus ombros impedindo que ruísse. O Pontífice, que era dotado de uma sabedoria notável, ao perceber a limpidez dessa alma simples, seu desprezo pelo mundo, seu amor à pobreza, sua tenacidade em seu desejo de perfeição, seu zelo pelas almas e o ardente amor que caracterizava sua vontade de santidade, declarou: “Ó esse homem realmente que, por sua ação e pregação, sustentar a Igreja de Cristo!” E teve por Francisco uma amizade fervorosa e inabalável, anuiu sem reserva ao pedido dele, aprovou-lhe a Regra, deu-lhe missão de pregador da penitência, enfim, concedeu tudo o que ele solicitava e prometeu favorecer ainda mais no futuro.

5. Com a graça de Deus e a autoridade do Sumo Pontífice que lhe dava pleno apoio, Francisco regressou confiante pelo caminho do vale de Espoleto. Em seu coração concebera a verdadeira perfeição evangélica e a professou solenemente emitindo seus votos. Parecia ansioso de poder praticá-la em sua vida e ensiná-la aos outros pela pregação. Juntamente com seus companheiros, discutiu a questão se deveriam viver entre o povo ou viver na solidão. Rogou, pois, ao Senhor, em ardente oração, que lhe revelasse o que deveria fazer a respeito. Foi agraciado com uma revelação e se convenceu de que tinha sido enviado por Deus para salvar almas, almas que o demônio tentava arrebatar à perdição. Chegou a conclusão de que deveria viver para os outros e não exclusivamente para si. Foi então viver numa cabana abandonada perto de Assis, onde poderia levar em comum uma vida de pobreza e rigorosa disciplina religiosa com seus Irmãos e pregar a palavra de Deus ao povo, sempre que tivesse oportunidade, Tornou-se o arauto do Evangelho, pregando de cidade em cidade o reino de Deus “não com estudadas palavras de humana sabedoria, mas pela virtude do Espírito Santo” (1Cor 2,13). O Senhor inspirava a seu intérprete, revelando-lhe antes de falar o que deveria dizer, “corroborando em seguida pelos milagres o que tinha dito” (Mc 16,20).

6. Certa noite, estava vigiando em oração, como de costume, longe de seus filhos. De repente, pela meia-noite, enquanto alguns Irmãos dormiam e outros rezavam, um carro de fogo de um esplendor maravilhoso com um globo brilhante, parecido com o sol, entrou na cabana dos Irmãos pela pequena porta e deu três voltas no recinto. Diante desse espetáculo maravilhoso, os que estavam acordados ficaram atônitos; os que dormiam acordaram amedrontados. Seus corações ficaram iluminados assim como os olhos, de modo que diante dessa estupenda luz eles puderam ler às claras a consciência de cada um. Ao contemplar cada qual o coração de todos, foram de parecer unânime que o Senhor lhes queria mostrar, sob essa aparência simbólica, seu Pai Francisco que viera “no espírito e na força de Elias” (Lc 1,17), e o designava como chefe de seu exército espiritual, “carruagem de Israel e seu guia” (cf. 2Rs 2,12). Voltando o santo para junto dos Irmãos, reanimou-lhes a coragem ao lhes falar dessa visão que o céu lhes enviara. Desde então penetrava os segredos de seus corações, predizia o futuro e realizava milagres. Estava bem patente para todos que o espírito de Elias, duas vezes mais poderoso, viera habitar nele com tal plenitude que o mais seguro para todos era seguir sua vida e seus ensinamentos.

7. Por essa época, havia num hospital, perto de Assis, um religioso chamado Monco, da Ordem dos Cruzados, que jazia enfermo há muito tempo minado por uma doença grave. Todos pensavam que sua morte não estava longe. Enviou ele um mensageiro para suplicar insistentemente junto ao homem de Deus que se dignasse interceder por ele ao Senhor. O santo consentiu imediatamente, pôs-se a orar, fez um bolinho com migalhas de pão, amassou-o com um pouco de azeite tirado da lâmpada que ardia diante do altar da Santíssima Virgem e mandou levar seu preparado medicinal ao doente através dos Irmãos, dizendo: “Levai este remédio ao nosso Irmão Morico. O poder de Cristo não só lhe devolverá a saúde, mas fará dele um soldado valoroso que se alistar em nossas fileiras para sempre”. Realmente, mal o doente ingeriu o remédio preparado por ordem do Espírito Santo, levantou-se curado e encontrou de novo o vigor do corpo e da alma. Entrou na Ordem sem demora e por muito tempo trouxe um cilício diretamente sobre o corpo, e contentava-se com alimentos crus. Jamais comeu, desde então, alimentos cozidos e experimentou vinho.

8. Foi por essa época igualmente que um sacerdote de Assis, chamado Frei Silvestre, simples como uma pomba e de grande virtude, viu toda a região invadida por um dragão enorme. O aparecimento desse horrível animal representava para todo o mundo o cataclismo universal dos últimos tempos. Uma cruz luminosa de ouro plantada na boca de Francisco apareceu logo a seguir. Sua extremidade chegava até o céu e seus braços iam até aos confins do mundo. Diante da cruz, o dragão sangüinário e medonho fugiu

para sempre. Repetiu-se o sonho por três vezes, e o santo homem compreendeu a missão que o Senhor destinava a Francisco: levantar o glorioso estandarte da cruz, esmagar o poder e a maldade do dragão, iluminar os corações dos fiéis projetando sobre eles, tanto por sua vida como por seu ensinamento, as esplêndidas luzes da verdade. Frei Silvestre contou detalhadamente ao homem de Deus e aos Irmãos a sua visão . Pouco tempo depois, abandonou o mundo, empenhou-se com tanto ardor em seguir a Cristo, a exemplo do bem-aventurado Francisco, que sua vida na Ordem serviu para confirmar a visão que tivera enquanto vivia no mundo.

9. Um outro Irmão chamado Pacífico, quando simples leigo, encontrou São Francisco em São Severino, onde fazia um sermão aos religiosos do convento. O poder de Deus desceu sobre ele e viu o santo marcado com o sinal-da-cruz na forma de duas espadas de fogo; uma delas ia da cabeça aos pés, enquanto a outra ia de lado a lado, de uma mão à outra. Não conhecia São Francisco, mas percebeu que não poderia ser outra a pessoa que assim lhe era revelada por esse milagre. Ficou sobremodo atônito; as palavras do santo o comoveram de tal forma, que ele chorou seus pecados e ficou aterrorizado como se houvesse sido traspassado por uma espada espiritual que saía da boca do santo. Abandonou as pompas deste mundo e ingressou na Ordem professando sua Regra de vida. Mais tarde, já bem adiantado em santidade, mereceu ver na frente de São Francisco, antes de se tornar ministro da França, onde foi o primeiro provincial, um grande tau, cujas cores variadas emprestavam ... fisionomia do santo uma rara beleza. O tau era um sinal muito querido do santo. Recomendava-o muitas vezes, fazia-o sobre si mesmo antes de iniciar qualquer trabalho e o escrevia de próprio punho ao final das cartas que ele enviava, como se quisesse pôr todo seu empenho em imprimir esse tau, segundo a palavra do profeta (Ez 9,4), sobre a fronte daqueles que gemem e choram seus pecados, de todos os verdadeiros convertidos a Cristo Jesus.

### **CAPÍTULO 3** **AS VIRTUDES COM QUE DEUS O DISTINGUIU**

1. Como leal seguidor de Jesus crucificado, Francisco crucificou sua carne com suas paixões e concupiscências, desde o início de sua conversão, impondo-se uma disciplina rigorosa, dominando seus instintos sensuais por uma mortificação e uma temperança tão rigorosas, que apenas concedia à natureza o que lhe era absolutamente necessário à sobrevivência. Não estando doente, só aceitava a contragosto e raramente alimentos cozidos; chegava mesmo às vezes a misturar-lhes cinza para torná-los amargos ou os mergulhava na água para torná-los insípidos. Quanto à bebida, era extremamente sóbrio, recusando o vinho ao corpo a fim de elevar a alma à luz da sabedoria; embora atormentado pela sede, bebia apenas o necessário para mitigá-la. A terra nua servia quase sempre de leito a seu enfraquecido corpo, enquanto uma pedra ou um tronco fazia de travesseiro e como cobertor usava a túnica de tecido comum, áspera e grosseira. A experiência lhe ensinara que a austeridade afugenta nossos inimigos perversos, os demônios, que apreciam tentar os sensuais e voluptuosos.

2. Mantinha uma vigilância continua sobre si mesmo com rígida disciplina e tinha o máximo cuidado em proteger o tesouro inestimável da castidade, que carregamos em vasos de argila. Esmerava-se em conservá-la com toda honra que devemos a uma virtude tão santa, pela pureza absoluta da alma e do corpo. No início de sua conversão, com a coragem e o fervor do Espírito, chegou, em pleno inverno, a se lançar num fosso d'água gelada ou de neve para sufocar inteiramente o inimigo que cada qual traz em si e preservar dos ataques da volúpia a veste branca da inocência. Foi por essas práticas que começou a brilhar nele a bela pureza, o inteiro domínio que ele obteve sobre a carne. Parecia que tinha feito contrato com os olhos (cf. Jó 31,1): não só fugia a qualquer espetáculo que pudesse deleitar a carne, mas se recusava mesmo a olhar tudo o que apresentasse caráter de curiosidade ou de futilidade.

3. Conquistara a pureza do coração e do corpo e quase atingira as culminâncias da santidade. No entanto, não cessava de purificar os olhos da alma por freqüentes lágrimas, pois o que ele desejava contemplar eram as límpidas luzes do céu e pouco se incomodava com o prejuízo causado pelas lágrimas aos olhos do corpo. De tanto chorar, contraíra uma doença grave nos olhos. Jamais quis obedecer ao médico, que lhe prescrevia parar de chorar senão quisesse ficar cego. Preferia, dizia ele, perder a vista a proibir-se, à custa da perda de toda devoção, as lágrimas que permitem ver a Deus, pois tornam mais pura a visão da alma. Entre esses acessos de lágrimas, que eram uma graça do céu, conservava o santo em seu coração

como nos traços de seu semblante a alegria e a serenidade. Sua consciência límpida permitia-lhe tanta alegria, que seu espírito continuamente jubilava em Deus e não deixava de exultar à vista ou ao pensamento de todas as obras de suas mãos.

4. Francisco vivia em espírito de profunda humildade, guarda e ornamento de todas as virtudes. Superava a todos imensamente pelas virtudes que brilhavam em sua vida; a humildade, porém, parecia a virtude que mais o distinguia e se considerava o último de todos os homens. Em seu parecer, ele era o maior dos pecadores e se considerava apenas uma criatura fraca e sem valor; na verdade era um exemplo de santidade, escolhido por Deus, brilhando por seus dons múltiplos de graça e de virtude e consagrado pela santidade de sua vida. Tudo fazia por parecer coisa inútil aos próprios olhos e diante dos outros; confessava publicamente suas faltas ocultas e escondia os dons de Deus no íntimo do coração; recusava expor-se ao louvor dos homens, temendo que fosse uma ocasião de queda. Em sua busca por praticar a humildade com toda perfeição, não só obedecia a seus superiores, mas até se mostrava submissão aos inferiores; tinha o hábito de prometer obediência ao Irmão que o acompanhava em viagem, ainda que fosse pessoa das mais simples. Não usava de sua autoridade como um superior; em sua humildade, preferia obedecer aos que lhe eram sujeitos, como seu ministro e servo.

5. A altíssima pobreza é companheira da humildade. Como perfeito imitador de Cristo, Francisco tomou-a por esposa e prometeu-lhe amor eterno. Por amor à pobreza abandonou pai e Mãe e tudo o que possuía. Ninguém era tão vido de ouro quanto ele da pobreza; ninguém jamais guardou um tesouro com tanto cuidado como ele guardou essa pérola do Evangelho. Desde o primeiro instante de sua vida religiosa até à morte, sua única riqueza consistia num hábito, numa corda e calças. O despojamento total parecia ser o único motivo de sua glória e a penúria a única fonte de sua alegria. Se encontrasse alguém mais pobremente vestido do que ele, imediatamente começava a se censurar para se estimular a imitá-lo, temia levar desvantagem nessa porfia de quem seria o mais pobre materialmente e quem seria espiritualmente mais nobre. A pobreza para ele era a garantia de que entraria um dia na posse da herança eterna. Colocava-a muito mais alto do que todos os bens terrestres, que existem apenas para um breve tempo. Tinha como um nada a soberania de um instante sobre tais riquezas decepcionantes. Demonstrava mais amor à pobreza do que em geral se tem pelas maiores fortunas. Almejava superar a todos na prática da pobreza, ele que aprendera a se julgar o último dos homens.

6. Seu amor pela altíssima pobreza fez com que o homem de Deus aumentasse seu tesouro de santa simplicidade. Ele mesmo nada possuía de próprio desse mundo, mas parecia proprietário de todas as coisas e de todos os bens em Deus, Criador do mundo. Tinha uma visão, uma atitude de espírito, semelhante à simplicidade da pomba; tudo o que via, sua contemplação o colocava em relação ao soberano Artífice. Em cada objeto descobria o Criador, amando-o e louvando-o. Desse modo, por um favor da bondade do céu, chegou a possuir tudo em Deus e Deus em tudo. Pelo hábito de retornar sempre à origem de todas as coisas, dava o nome de Irmão e Irmã às criaturas, mesmo às mais humildes, uma vez que elas e ele haviam nascido do mesmo princípio. No entanto, tinha mais simpatia e amor por aquelas que, por sua natureza ou pelo simplismo bíblico, lembram o amor e a brandura de Cristo. Por isso os animais sentiam-se atraídos a ele, e mesmo as coisas inanimadas obedeciam à sua vontade, como se a simplicidade e a justiça do santo o tivessem já feito voltar ao estado de inocência original.

7. Francisco estava tão repleto desse espírito de amável compaixão, nascido da fonte da misericórdia, que parecia ter carinho de Mãe diante dos sofrimentos dos que se encontravam na miséria. Era brando por natureza e o amor de Cristo apenas intensificava essa disposição natural. Toda sua alma se desfazia de tanta piedade à vista dos pobres e doentes. Quando não podia socorrê-los materialmente, procurava ao menos testemunhar-lhes seu amor. Para tanto descarregava com toda afeição em Cristo os fardos de miséria e sofrimento que encontrava nos corações. E como em todos os pobres ele via a semelhança com Cristo, não só dava generosamente ao primeiro que aparecia todas as esmolas recebidas, com o risco de passar necessidade, mas a isso chamava restituir, como se os pobres fossem os proprietários de tais esmolas. Nada retinha para si do que recebia: mantos, túnicas, livros, as toalhas do altar, enquanto houvesse quem lhe pedisse esmola; e para chegar à perfeita realização de seu amor, ele mesmo, além disso, se doava e se distribuía aos outros.

8. O zelo pela salvação de nossos Irmãos procede do fogo do amor e como uma espada afiada, uma espada de fogo, traspassou o coração de Francisco a tal ponto, que parecia consumido pelo zelo das almas, inflamado de ardor por conquistá-las, mas também coberto dos ferimentos causados pelo pesar e pela piedade. De fato, ao contemplar as almas resgatadas pelo sangue precioso de Cristo Jesus e ao notar a mancha de algum pecado, sentia isso como uma lançada terrível e dolorosa. Chorava-lhes a desgraça com uma ternura patética, gerando-as todos os dias, como uma Mãe em Cristo. Isso explica a veemência com que ele rezava, a atividade extraordinária de suas viagens de pregação e seus excessos quando se tratava de dar o exemplo: não se considerava como amigo de Cristo a não ser cuidando das almas resgatadas por ele. Por essa razão ele era tão dedicado à oração, tão ativo na pregação, e por isso também ele se excedeu em dar o bom exemplo. Não se consideraria amante de Cristo, se não se compadecesse das almas por ele redimidas. Seu corpo inocente, que voluntariamente se tornara submisso ao espírito, não necessitava de punição pelo pecado; no entanto, para dar o bom exemplo, muitas vezes o submetia a penas e sofrimentos. Por amor aos outros “não se apartou das veredas árduas” (SI 16,4). Cristo se entregou à morte pela salvação dos outros, e Francisco desejava seguir suas pegadas até o fim.

9. Francisco nada mais desejava senão oferecer-se ao Senhor como hóstia viva. Daí o seu desejo do martírio, o melhor testemunho do fervor e perfeito amor que tinha a Deus o amigo do Esposo. Três vezes tentou ir aos infiéis; por duas vezes a divina Providência o impediu, mas na terceira tentativa, depois de toda espécie de afrontas, prisão, açoites, sofrimentos e dificuldades de toda ordem, ele foi conduzido pelo Senhor, que era seu guia, à presença do Sultão da Babilônia. Francisco lhe anunciou o Evangelho de Cristo; o Espírito Santo e o poder de Deus lhe comunicavam tal força de persuasão, que o Sultão ficou maravilhado. Deus abrandou-lhe o coração e ele ouviu o santo com benevolência. Ao encontrar em Francisco um coração ardente, força de ânimo, desprezo da vida, eloquência tão persuasiva, o Sultão teve por ele uma grande afeição e devoção. Tratou-o com muita deferência, ofereceu-lhe ricos presentes e insistiu que permanecesse com ele. Mas o santo, em seu perfeito desprezo pelo mundo e por si mesmo, recusou como se fosse lama tudo o que lhe ofereciam. Depois, convencido de que não conseguiria o que era sua intenção, depois de empenhar lealmente todos os seus esforços para conseguir seu objetivo, voltou ...s terras cristãs, avisado por Deus numa revelação. Desse modo o amigo de Cristo procurara por todos os meios morrer por ele, mas não o conseguiu; adquirira, porém, o mérito do martírio de desejo e, se estava com vida, é que deveria receber mais tarde, por um privilégio único, o selo e o símbolo desse martírio.

#### **CAPÍTULO 4** **SEU AMOR À ORAÇÃO E SEU ESPÍRITO DE PROFECIA**

1. Francisco sentia-se como um peregrino, enquanto viveu nesta vida mortal separado de Deus, e, ao mesmo tempo, seu amor a Cristo o deixara completamente insensível aos desejos da terra. Por isso, buscava manter seu espírito na presença de Deus, orando a ele sem interrupção, de modo que sempre era confortado pelo seu bem-amado. Quer andasse ou parasse, em viagem ou no convento, no trabalho e no repouso, entregava-se à oração com todas as veras de sua alma, de modo que parecia ter consagrado a ela corpo e alma, toda a sua atividade e todo o seu tempo. Seu fervor extático levava-o às vezes a tais alturas que, arrebatado e fora de si, sentia o que homem algum pode sentir e ficava alheio a tudo o que se passava à sua volta.

2. Procurava os lugares desertos e igrejas abandonadas para aí passar a noite em oração e poder assim acolher na maior paz as visitas do Espírito Santo e suas consolações. Não lhe faltaram então os terríveis assaltos dos demônios que, lutando contra ele corpo a corpo, procuravam desviá-lo de sua dedicação à oração. Mas o poder infatigável de suas orações fervorosas os afugentava. Só e na perfeita tranquilidade o homem de Deus fazia os bosques repetir o eco de seus gemidos, regava a terra com a abundância de suas lágrimas, batia no peito e como quem se sente bem abrigado na câmara mais secreta do palácio, falava Francisco ao Senhor, respondia ao Juiz, suplicava ao Pai, gozava da companhia de seu divino Esposo e conversava com o Amigo. Aí também o encontraram certa noite rezando com os braços em cruz, elevado da terra e cercado de uma nuvem luminosa. Essa claridade radiante e essa levitação de seu corpo atestavam a admirável luz que iluminava sua alma e as alturas em que pairava seu espírito.

3. Francisco encontrava acesso aos mistérios e aos segredos da Sabedoria de Deus pela força sobrenatural desses êxtases. Temos testemunhos indiscutíveis de tais arrebatamentos, embora ele mesmo não falasse deles nunca, a não ser quando seu desejo de salvar as almas de seus Irmãos a isso o obrigava ou se para tanto recebia ordem por revelação do alto. Por sua aplicação constante à oração e por sua prática das virtudes, chegara o homem de Deus a um grau tão elevado de pureza d'alma que, sem ter adquirido erudição alguma pelo processo comum de aprendizagem das Escrituras, penetrava-lhes no entanto até o mais profundo significado. O espírito dos profetas desceu sobre ele em todas as suas várias formas, com superabundância de graças. O homem de Deus podia fazer sentir sua presença à distância. Estava a par do que ocorria longe dele; penetrava os segredos dos corações e predizia o futuro. Temos disso testemunhos iniludíveis. Seguem aqui alguns deles.

4. Certa vez, durante o capítulo provincial de Arles, o famoso e santo pregador Antônio, agora associado à glória dos santos confesores de Cristo, pregava aos Irmãos, com sua eloquência tão suave e agradável, sobre o título que encimava a cruz: Jesus de Nazaré, Rei dos Judeus. Eis que, de repente, Francisco, que se encontrava a mais de cem léguas de distancia, apareceu à porta do capítulo, elevado da terra, os braços em cruz e dando aos Irmãos sua bênção. Essa aparição encheu os Irmãos de grande consolação. Eles estavam plenamente certos de que essa visão maravilhosa era obra do poder de Deus. O milagre não ocorreu sem o conhecimento de nosso bem-aventurado Pai, o que mostra claramente como seu espírito estava inteiramente penetrado da luz dessa Sabedoria eterna: “mais ágil que todo movimento, ela atravessa e penetra tudo, graças à sua pureza. Ela se derrama nas almas santas e forma os amigos e intérpretes de Deus” (Sb 7,24 e 27).

5. Estando os Irmãos reunidos em capítulo, como de costume, em Santa Maria da Porciúncula, um deles, por algum pretexto, recusava-se a obedecer. Estava Francisco rezando em sua cela neste momento, rogando a Deus pelos Irmãos, quando lhe foi revelado o que sucedia. Mandou chamar um dos Irmãos e lhe disse: “Irmão, eu vi o demônio montado nas costas desse Irmão desobediente e apertando-lhe fortemente o pescoço. Cavalgado por um tal cavaleiro, rejeita o freio da obediência e segue apenas as rédeas de seu Instinto. Diga, pois, que se submeta imediatamente ao jugo da santa obediência, pois quem lhe pede que assim o faça orou ao Senhor, e à sua prece o demônio fugiu envergonhado!” Diante dessas palavras do mensageiro, o Irmão reconheceu seu erro e ficou arrependido. Lançou-se aos pés do vigário do santo, reconheceu-se culpado, pediu-lhe perdão, aceitou e cumpriu a penitência. Dai em diante foi sempre humilde e obediente.

6. Ao tempo que Francisco vivia no monte Alverne, um dos companheiros nutria o grande desejo de ter algumas frases breves da Bíblia escritas de próprio punho do santo- De fato, estava sendo tentado não na carne mas no espírito, e esperava ficar livre da tentação ou suportá-la mais facilmente- Triste, angustiado e envergonhado, pois era um homem simples e tímido, não tinha coragem de se abrir ao Pai, a quem muito venerava. Mas o que o homem não ousou dizer, o Espírito de Deus o revelou: o santo pediu-lhe que trouxesse tinta e papel, escreveu de próprio punho os Louvores ao Senhor, como o desejara o Irmão, e terminou por uma bênção para ele; em seguida, lhe entregou o papel escrito e a tentação cessou. Ainda se conserva o documento, que a muitos doentes tem devolvido a saúde. Brilha assim aos olhos de todos o mérito que teve diante de Deus o copista cuja escrita conservou um tal poder.

7. Em outra ocasião, uma senhora nobre e piedosa foi procurar o santo e pedir-lhe que intercedesse junto ao Senhor em favor de seu marido a fim de levá-lo a melhores sentimentos: era um homem muito ríspido que a impedia de servir a Cristo. Francisco, compadecido, a ouviu e começou a encorajá-la a perseverar no bem; em seguida, garantiu-lhe que ela conheceria em breve a consolação desejada e ordenou-lhe: “Dirás a teu marido, em nome de Deus e em meu nome, que agora é o tempo da demência, mas que logo vir o tempo da justiça”. Ela confiou nas palavras do servo de Deus, e tendo recebido sua bênção, voltou para casa às pressas. O marido saiu-lhe ao encontro e ela lhe transmitiu a mensagem, ansiosa por ver realizada a promessa, certa, porém, de seu êxito. Mal disse ela aquela frase e o Espírito de graça se apoderou dele e transformou aquele coração de pedra. A partir de então, permitiu a sua piedosa mulher servir a Deus com plena liberdade, e ele mesmo juntamente com ela colocou-se ao serviço de Deus. De comum acordo, praticaram ambos, por sugestão da esposa, a castidade durante vários anos, e ambos



morreram no mesmo dia, ela de manhã, como um “sacrifício matutino”, e ele à tarde, como um sacrifício vespertino” (cf. Nm 28,8 e 23).

8. Estando o santo doente em Rieti, um clérigo sensual e mundano chamado Gedeão ficou gravemente enfermo. Levaram-no a Francisco num leito e juntamente com os que estavam presentes pediu-lhe entre lágrimas que o abençoasse com o sinal-da-cruz. O santo, porém, replicou-lhe: “Viveste até aqui uma vida cheia de pecado, sem pensar no juízo de Deus. Farei o sinal-da-cruz sobre ti, não por causa de ti, mas pelas preces fervorosas daqueles que intercedem em teu favor. Mas garanto-te que, se voltares ao vômito de teu passado pecaminoso depois de curado, coisas bem piores te sucederão!” Fez então o sinal-da-cruz sobre ele da cabeça aos pés e todos ouviram como seus ossos estalaram como lenha seca que alguém partisse. O enfermo pôs-se de pé completamente curado, agradeceu a Deus exclamando: “Estou curado!” Pouco depois, porém, esqueceu-se de Deus de novo e entregou o próprio corpo à impureza. Certa noite, depois de cear na casa de um dos cônegos, passou a noite como seu hóspede. Nessa noite o telhado da casa ruiu, caindo sobre todos inesperadamente; todos escaparam à morte, menos ele. O fato por si só revela a severidade da justiça de Deus para com os ingratos e a veracidade do espírito de profecia que animava Francisco.

9. Tendo chegado de viagem de além-mar, por esse mesmo tempo, dirigiu-se o santo a Celano para pregar. Certo cavaleiro pediu-lhe com insistência que fosse cear em sua casa. Francisco relutava em aceitar, mas ele quase o forçou a ir, tão devoto era do santo. Antes de sentarem à mesa, o santo fez as preces usuais, como homem de oração que era. Foi-lhe então revelado em espírito que o cavaleiro que o hospedava haveria de morrer muito em breve. Francisco estava de pé com a mente fixa em Deus, enquanto seus olhos se voltavam para o céu. Ao terminar a oração, chamou o homem à parte e contou-lhe que ele haveria de falecer em breve, aconselhando-o que se confessasse e encorajando-o do melhor modo que podia. Ele obedeceu imediatamente, confessou todos os seus pecados ao companheiro do santo, pôs em dia suas coisas, e se preparou da melhor forma para receber a morte. Enquanto seus convivas comiam, o cavaleiro, que parecia forte e disposto, subitamente passou desta vida, assim como o santo previra. Mas pelo espírito de profecia de Francisco tivera a possibilidade de munir-se com as armas da penitência e escapar da condenação eterna, sendo introduzido, como promete o Evangelho, nos tabernáculos eternos.

## **CAPÍTULO 5 OBEDIÊNCIA DAS CRIATURAS E CONDESCENDÊNCIA DE DEUS PARA COM ELE**

1. O Espírito de Deus que o ungira, juntamente com “Cristo, poder e sabedoria de Deus” (1Cor 1,24), estava sempre com Francisco. Por sua graça e poder, revelavam-se segredos ocultos ao santo e os elementos lhe obedeciam. Certa ocasião, os médicos prescreveram como tratamento uma cauterização. Os Irmãos insistiam que ele consentisse na dita intervenção para obter a cura dos olhos. O homem de Deus humildemente se submeteu à operação, pois via nela não apenas uma ocasião de curar a doença, mas também um ato de coragem e de força. Diante do ferro em brasa, sua carne sobressaltou-se horrorizada, como é natural. Mas ele se dirigiu ao fogo como a um Irmão. Em nome e pelo poder do Criador, ordenou-lhe que moderasse seu ardor, “para que eu possa, disse ele, suportar tua carícia ardente”. O médico passou-lhe na carne delicada o ferro ainda em brasa, estendendo-se a cauterização desde a orelha até, às sobrancelhas... Então, cheio de Deus e com o espírito transbordando de alegria, disse aos Irmãos: “Louvai o Altíssimo, pois, na verdade, não senti a queimadura e minha carne não precisou sofrer”.

2. Estando muito doente no eremitério de Santo Urbano, sentia as forças abandoná-lo e pediu que lhe oferecessem um pouco de vinho. Disseram-lhe que não havia sequer uma gota. Ordenou então que lhe trouxessem água; ele a benzeu com o sinal-da-cruz e imediatamente aquilo que tinha sido até então apenas água pura se transformou em excelente vinho. O que a pobreza do eremitério tornava impossível conseguiu-o a pureza do santo. Mal experimenta ele do vinho e as forças lhe voltaram: prova manifesta de que a bebida desejada lhe foi concedida por Aquele que dá tão generosamente, não tanto para afagar o apetite como para beneficiar a saúde do corpo.

3. Em outra ocasião, desejando o homem de Deus retirar-se num eremitério para se entregar mais

livremente à oração, aceitou ir montado num burrinho, pois estava sem forças. Era verão, e o guia que subia a pé a montanha atrás do santo, não agüentando mais de cansaço e de sede por aquele caminho longo e acidentado, começou a gritar que ia morrer ali se não houvesse água para beber. Sem perder um momento, o homem de Deus desce do burrinho e se ajoelha, levanta as mãos para o céu e não cessa de rezar enquanto não é ouvido. Dirige-se ao homem e lhe diz: “Corre até aquele rochedo e encontraras uma fonte que Cristo em sua bondade acaba de fazer jorrar da pedra para que possas beber”. O homem correu ao lugar indicado e bebeu daquela água nascida da rocha pela força de um santo em oração, e Deus fez manar água de um rochedo duríssimo para refrescá-lo.

4. Pregava o servo de Deus certo dia na praia de Gaeta, e a multidão, por devoção, se apinhava à sua volta para tocá-lo. Querendo fugir dessas manifestações de entusiasmo, saltou sozinho para dentro de uma barca, que por lá se encontrava atracada. E de repente, esta, diante do povo maravilhado, afastou-se da margem e dirigiu-se até a uma curta distância sobre as águas, sem auxílio de nenhum remador, como se houvesse sido impelida e dirigida por sua própria força. Em seguida, ficou imóvel sobre as ondas todo o tempo que o santo decidiu pregar às multidões reunidas na praia. Depois do sermão, o povo que testemunhara o milagre recebeu a bênção e foi despedido pelo santo. Só então a barca atracou à praia de novo impelida unicamente com o impulso e vontade do céu. As criaturas obedecem Aquele que as fez e também se submetem sem resistência aos perfeitos amigos do Criador, obedecendo-lhes sem demora.

5. Durante uma estadia do santo no eremitério de Greccio, sofriam os moradores daquela região sucessivos prejuízos em suas colheitas. O granizo arrasava todos os anos as colheitas e as vinhas; bandos de lobos ferozes atacavam não apenas os rebanhos mas também os homens. O servo do Deus onipotente, cheio de piedade para com o povo, estava muito aflito. Num sermão prometeu e garantiu que acabaria a calamidade se todos se confessassem e produzissem dignos frutos de penitência. Fizeram penitência, de acordo com as exortações de Francisco, e desde então desapareceram os flagelos, cessaram os perigos, os lobos e o granizo não mais incomodaram a ninguém. E mais ainda: quando o granizo chegava nas proximidades daquela região, parava à distância ou mudava de rumo.

6. Certa ocasião, durante uma viagem de pregações pelo vale de Espoleto, chegou Francisco a um lugar chamado Bevagna. Viu um bosque onde passarinhos de toda espécie se ajuntavam em grandes revoadas. O Espírito de Deus desceu sobre o santo que correu até eles e os saudou com alegria, ordenando-lhes que se calassem e escutassem com atenção a palavra de Deus. E começou a fazer-lhes um longo sermão sobre os benefícios que Deus concede generosamente ...s criaturas e sobre os louvores que lhe devem dar até mesmo os passarinhos. Essas palavras suscitavam entre as aves manifestações de alegria: elas esticavam o pescoço, abriam as asas e o bico, olhavam com atenção para Francisco, para melhor se compenetrarem, por assim dizer, da força admirável de suas palavras. Com muita razão, este homem cheio de Deus, diante de criaturas irracionais, se sentia inclinado a profundos sentimentos de humanidade, pois elas mesmas, por sua vez, revelavam para com ele uma inclinação prodigiosa, chegando mesmo a ouvir suas instruções, a obedecer às suas ordens, a refugiar-se com toda segurança em seus braços e a permanecer de bom grado com ele todo o tempo que lhe aprouvesse trazê-las suspensas de sua palavra.

7. Ao tentar atravessar o mar a fim de conquistar a palma do martírio, desejo esse infelizmente frustrado pela tempestade, a bondade providente do Piloto universal saiu-lhe ao encontro para arrancá-lo da morte, a ele e toda a tripulação, e manifestar em alto mar suas maravilhas em favor de Francisco. Desejando este voltar da Eslavônia para a Itália, subira sem nada num navio. Na hora do embarque, um desconhecido enviado por Deus em seu socorro se apresentou trazendo os viveres necessários, chamou um dos marujos e entregou-os a ele com a recomendação de os distribuir oportunamente àqueles que nada tinham. Os ventos sopravam com tal violência que os dias passavam sem que o navio pudesse atracar a alguma parte. Os marinheiros estavam quase sem provisões. Restava apenas a mísera ração de esmolas oferecidas pelo céu ao santo. E graças às orações e aos méritos deste, o poder de Deus as multiplicou de tal maneira que, apesar do atraso ocasionado pela tempestade que continuava violenta, bastaram perfeitamente para as necessidades de todos até à chegada ao porto de Ancona, término da viagem.

8. Em outra ocasião, estava Francisco numa viagem de pregações com um companheiro, e foram surpreendidos pela noite ao irem da Lombardia para a Marca de Treviso. Era uma viagem perigosa no

escuro por causa do rio Pó e suas terras alagadas. Seu companheiro lhe implorou que rogasse a Deus que os salvasse daquele aperto. Francisco respondeu com toda confiança: “Deus tem poder de banir as trevas e nos conceder o dom da sua luz, se for de seu agrado”. Mal pronunciara tais palavras, envolveu-os uma luz tão forte, que eles, pelo poder de Deus, podiam ver claramente o caminho que trilhavam; enxergavam grande parte da região do outro lado do rio, embora nas outras partes fosse escuro.

9. A claridade do céu ia assim adiante deles no meio da noite para mostrar que as trevas da morte não conseguem sepultar aqueles que seguem a Luz e a Vida sem se desviar do caminho que ela lhes indica. O admirável esplendor dessa luz fora guia para o corpo e conforto para a alma de ambos. Depois de uma longa caminhada, Francisco e seu companheiro chegaram sem dificuldade, cantando hinos e cânticos de louvor, à hospedaria onde deviam ficar. Homem maravilhoso e admirável! Para ele o fogo modera seu ardor, a água muda de sabor, a rocha fornece água em profusão; os seres inanimados põem-se a seu serviço, os animais ferozes ficam mansos, as criaturas irracionais o ouvem com atenção. E o próprio Senhor atende a seus desejos: sua generosidade lhe fornece alimentos e sua luz lhe serve de guia... Este homem que chegara à mais alta santidade, via toda criatura pôr-se a seu serviço e o próprio Criador atender a seus desejos.

## **CAPÍTULO 6 OS ESTIGMAS**

1. Francisco era um fiel servidor de Cristo. Dois anos antes de sua morte, havendo iniciado um retiro de Quaresma em honra de São Miguel num monte muito alto chamado Alverne, sentiu com maior abundância do que nunca a suavidade da contemplação celeste, o ardor dos desejos sobrenaturais e a profusão das graças divinas. Transportado até Deus num fogo de amor ser fico, e transformado pelos arroubos de uma profunda compaixão naquele que, em seus extremos de amor, quis ser crucificado, orava certa manhã numa das partes do monte. Aproximava-se a festa da Exaltação da Santa Cruz, quando ele viu descer do alto do céu, dir-se-ia, um serafim de seis asas flamejantes, o qual, num rápido vôo, chegou perto do lugar onde estava o homem de Deus. O personagem apareceu-lhe não apenas munido de asas, mas também crucificado, mãos e pés estendidos e atado a uma cruz. Duas asas elevavam-se por cima de sua cabeça, duas outras estavam abertas para o vôo, e as duas últimas cobriam-lhe o corpo.

2. Tal aparição deixou Francisco mergulhado num profundo êxtase, enquanto em sua alma se mesclavam a tristeza e a alegria: uma alegria transbordante ao contemplar a Cristo que se lhe manifestava de uma maneira tão milagrosa e familiar, mas ao mesmo tempo uma dor imensa, pois a visão da cruz traspassava sua alma com uma espada de dor e de compaixão. Aquele que assim externamente aparecia o iluminava também internamente. Francisco compreendeu então que os sofrimentos da paixão de modo algum podem atingir um serafim que é um espírito imortal. Mas essa visão lhe fora concedida para lhe ensinar que não era o martírio do corpo, mas o amor a incendiar sua alma que deveria transformá-lo, tornando-o semelhante a Jesus crucificado. Após uma conversa familiar, que nunca foi revelada aos outros, desapareceu aquela visão, deixando-lhe o coração inflamado de um ardor ser fico e imprimindo-lhe na carne a semelhança externa com o Crucificado, como a marca de um sinete deixado na cera que o calor do fogo fez derreter.

3. Logo começaram, com efeito, a aparecer em suas mãos e pés as marcas dos cravos. Via-se a cabeça desses cravos na palma da mão e no dorso dos pés; a ponta saía do outro lado. A cabeça era redonda e escura; a ponta, bastante longa, achatada e recurva, surgia no meio de um inchaço de carne por cima da pele. Por baixo dos pés, a ponta torcida dos cravos era tão saliente que o impedia de apoiar a planta dos pés no chão e facilmente se poderia fazer entrar um dedo da mão no arco de círculo que ela formava ao se curvar. Fui informado disso por pessoas que viram os estigmas com os próprios olhos. O lado direito estava marcado com uma chaga vermelha, feita, dir-se-ia, por uma lança; da ferida corria abundante sangue, freqüentemente, molhando as roupas internas e a túnica. Os Irmãos encarregados de lavar suas roupas constataram com toda segurança que o servo de Deus trazia, em seu lado, bem como nas mãos e nos pés, a marca real de sua semelhança com o Crucificado.

4. Aos Irmãos que conviviam com ele era praticamente impossível passar despercebida a realidade dos

estigmas impressos de modo tão visível. Esse homem cheio de Deus compreendia perfeitamente isso, e sua alma entrou numa grande dúvida e ansiedade: deveria ou não tornar pública a visão que tivera? Atormentado pela consciência, acabou consultando alguns de seus Irmãos mais achegados. Com grande temor contou-lhes tudo o que acontecera durante a visão. Aquele que lhe aparecera, disse Francisco, lhe revelara certos segredos que ele não deveria comunicar a ninguém enquanto vivesse. Quando o verdadeiro amor transformou o amigo de Cristo na semelhança perfeita daquele que ele amava, e terminados os quarenta dias previstos no monte e na solidão, chegou a festa de São Miguel; e Francisco, homem evangélico, desceu do monte, trazendo a imagem do Crucificado, não esculpida em tábuas de pedra ou de madeira pela mão de algum artífice, mas reproduzida em sua própria carne pelo dedo do Deus vivo.

5. O humilde santo tudo fazia para esconder os estigmas sagrados: o próprio Senhor, para sua glória, decidira realizar através deles milagres à luz do dia, a fim de tornar público por prodígios incontestes o poder que neles se ocultava e devia irradiar no meio das densas trevas do mundo como um astro fulgurante. Nas proximidades do Alverne, por exemplo, antes que o santo aí chegasse para morar, formavam-se periodicamente nuvens escuras sobre o monte, acumulavam-se aí e caíam em forma de violentas tempestades de granizo que destruíam as colheitas. Mas, depois da estupenda e santa aparição, o flagelo comum do granizo terminou, para grande espanto e alegria dos moradores: o próprio céu assumia agora uma feição serena incomum, para proclamar ao mesmo tempo a excelência da visão e o poder dos estigmas recebidos nesse local.

6. Pela mesma época, uma peste mortal assolava a província de Rieti matando bois e ovelhas que definhavam sem esperança aparentemente de cura. Foi quando um homem temente a Deus teve uma visão durante a noite: avisaram-lhe que se dirigisse rapidamente ao eremitério dos Irmãos onde o bem-aventurado Pai estava, e pedisse aos companheiros do santo a água em que Francisco lavara as mãos e os pés e aspergisse com ela todos os animais doentes: desse modo a peste seria erradicada totalmente. O homem não perdeu tempo em executar aquela ordem. E Deus conferiu à água que havia corrido sobre as sagradas chagas uma tal virtude, que, mal os tocava uma gotinha, os animais enfermos se restabeleciam e, como se jamais tivessem sofrido nada, corriam ao pasto; o flagelo da peste tinha desaparecido.

7. Suas mãos eram dotadas de um tal poder, que o contato salvífico delas restituía a saúde aos doentes, a sensibilidade e o movimento aos membros secos e paralíticos, bem como a vida aos moribundos. De todos esses milagres, lembrarei apenas dois, para ser breve e antecipando já alguma coisa. Em Ilerda, um certo João, muito devoto do bem-aventurado Francisco, recebera certa noite pancadas e ferimentos tão atrozes, que todos pensavam que ele não chegaria ao dia seguinte. Nosso Pai santíssimo apareceu-lhe milagrosamente e tocou com suas mãos as feridas do enfermo: no mesmo instante o homem ficou perfeitamente são e toda a região proclamou que Francisco, o porta-estandarte da cruz, merecia toda a sua veneração. Quem poderia efetivamente deixar de admirar-se do fato de que esse homem bem conhecido sentiu no mesmo instante, por assim dizer, a tortura das chagas abertas e imediatamente a alegria da saúde? Quem poderia recordar esse milagre sem prorromper em ação de graças? Que coração fiel poderia enfim meditar sem devoção essa maravilha do poder e do amor?

8. Em Potenza, na Apúlia, um clérigo chamado Rogério escarnecia internamente dos estigmas de São Francisco com frivolidade e ceticismo. De repente, sentiu que sua mão, calçada de luva, fora atingida por um golpe semelhante ao de uma flecha disparada por alguém. A luva estava perfeitamente intata. Durante três dias uma dor violenta o atormentou. Cheio de remorsos, invocava o santo e lhe suplicava que o socorresse por seus gloriosos estigmas. Recobrou plenamente a saúde e desapareceu completamente a dor. Daí se conclui claramente que essas marcas venerandas foram impressas e dotadas de virtudes milagrosas pelo poder daquele a quem unicamente compete ferir e cuidar, castigar os obstinados e curar os corações contritos (Lc 4,18).

9. Se Francisco foi agraciado com o privilégio particular e com a insigne honra dos estigmas, não o foi sem justo mérito, pois todo seu ardor, em público como em particular, tinha um único objetivo: a cruz do Senhor. Sua mansidão, sua austeridade e humildade; sua obediência, pobreza e castidade; seu arrependimento, lágrimas, compaixão, zelo apostólico, seu desejo do martírio, seus excessos de amor,

enfim toda a série de virtudes que distinguem a Cristo como exemplo, que poderiam ter elas em vista senão assemelhá-lo a Cristo cujos estigmas elas o haviam preparado para receber? Desde sua conversão, toda a sua vida foi apenas uma representação dos mistérios da cruz de Cristo, e finalmente, à vista do Crucificado, Serafim sublime e humilde, ele mesmo foi, pelo poder e amor divinos, transformado na imagem e objeto de sua contemplação. Atestam esses fatos os que viram, tocaram e abraçaram os estigmas e que com a mão sobre os Evangelhos, confirmaram seu testemunho com a segurança ainda maior do juramento de que tal era a realidade e o que eles haviam visto.

## **CAPÍTULO 7 MORTE DE FRANCISCO**

1. O homem de Deus, crucificado com Cristo, tanto em sua carne quanto em sua alma, era transportado em Deus com toda a chama de seu amor ser fido. Parecia consumido de zelo pelas almas e participava da mesma sede que tinha o Senhor de salvá-las. Por isso fazia transportar seu corpo já quase morto, não podendo andar por causa dos cravos que lhe saíam dos pés. Ia então por cidades e aldeias. Como “o segundo anjo subindo do Oriente” (Ap 7,2), ele queria acender a chama do amor de Deus no coração dos servos do Altíssimo, guiar-lhes os passos no caminho da paz e marcar-lhes a frente com o sinal do Deus vivo. Gostava igualmente de voltar aos seus primeiros exercícios de humildade, o serviço dos leprosos por exemplo, como no início de sua conversão, e tratar como escravo, como antes, seu corpo enfraquecido por tantas fadigas.

2. Para imitar a Cristo, propunha-se novos feitos. O esgotamento físico não tirava a seu espírito corajoso e disposto a esperança de vencer o inimigo em novos combates. Mas Deus queria aumentar os méritos de seu pobrezinho, e os méritos só encontram sua perfeição na perfeição da paciência: Francisco foi acometido de toda espécie de doenças tão dolorosas que nenhum de seus membros escapou de sofrer atrozmente. Não tinha mais carne, estava reduzido a pele e osso. Mas ao ser atormentado pelas enfermidades, não lhes dava o nome de inimigas, mas de Irmãs; suportava-as com paciência e alegria, e agradecia a Deus por elas. Os Irmãos que o assistiam julgavam ver um outro Paulo a se gloriar, a se alegrar e a se humilhar de suas fraquezas, e lembravam-se de Jó, ao admirarem sua força de alma e serenidade.

3. Muito tempo antes ficou sabendo a hora de sua morte, e quando ela estava próxima, comunicou aos Irmãos que deixaria em breve seu corpo, essa tenda em que sua alma havia feito acampamento (cf. 2Pd 1,14), como lhe revelara o Senhor. Dois anos depois de receber os estigmas, vinte anos após sua conversão, pediu para ser transportado a Santa Maria da Porciúncula a fim de pagar seu tributo à morte e receber em troca e em recompensa a eternidade, no mesmo local em que, pela Mãe de Deus, ele mesmo conhecera o espírito de graça e de perfeição. Chegado a esse local e querendo mostrar pelo exemplo que nada tinha de comum com o mundo, nesta doença que deveria ser a última, mandou que o colocassem nu sobre a terra, a fim de nesta última hora, em que o inimigo desfecharia talvez contra ele o último assalto, ele pudesse lutar nu contra um adversário nu. Lá estava ele deitado, atleta nu, sobre a terra e na poeira, a mão levada à chaga do lado direito para ocultá-la aos olhares dos presentes, fixando o céu, como gostava de fazer, fisionomia tranqüila e aspirando com todas as veras de sua alma à glória eterna. Começou então a louvar o Altíssimo por tanta glória: a de ir para ele inteiramente livre, desembaraçado de tudo.

4. Aproximava-se a hora. Mandou vir todos os Irmãos presentes então na Porciúncula e com algumas palavras de consolo para amenizar-lhes o pesar, exortou-os de todo seu coração de pai a amar a Deus. Em herança legou-lhes como propriedade a pobreza e a paz; recomendou-lhes que orientassem sempre seus desejos para os bens eternos e se premunissem contra os perigos deste mundo. Encorajou-os, com toda a força persuasiva de sua palavra, a seguirem perfeitamente as pegadas de Jesus crucificado. Todos os seus filhos formavam por assim dizer uma coroa em volta do patriarca dos pobres; o santo, quase cego, não de velhice, mas por causa das lágrimas, e já às portas da morte, estendeu as mãos, entrecruzou os braços, como lhe aprazia muitas vezes, e abençoou todos os Irmãos, os ausentes como os presentes, pelo poder e no nome do Crucificado.

5. Em seguida, pediu que fosse lido o texto de São João que começa assim: “Antes da festa da Páscoa,

sabendo Jesus que chegara a sua hora de passar deste mundo ao Pai, havendo amado os seus que estavam no mundo, até o extremo os amou...” (Jo 13,1). Queria ouvir nessa passagem do Evangelho o chamado do Bem-Amado que bate à porta, esse Bem-Amado de quem estava separado apenas pela simples parede da carne. Por fim, tendo-se realizado nele todos os planos de Deus, o bem-aventurado adormeceu no Senhor, rezando e cantando um salmo. Sua santíssima alma se desprende da carne para ser absorvida no abismo da claridade de Deus. Na mesma hora precisamente, um de seus Irmãos e companheiros, conhecido por sua santidade, viu a alma do santo subindo diretamente para o céu sob a forma de uma estrela esplêndida levada por branca nuvem que pairava sobre imensa extensão de água; alma rutilante de pureza, a reluzir os méritos acumulados, subia com toda a riqueza das graças recebidas e das virtudes que o tinham conformado à imagem de Deus, para gozar sem demora da visão da luz e da glória eternas.

6. Na Terra di Lavoro, Frei Agostinho, profundo amigo de Deus, que então era ministro dos Irmãos, também chegava ao termo da vida e já não falava mais havia bastante tempo. Para admiração de todos os que estavam à sua volta, começou de repente a gritar: “Espera-me, Pai, espera-me! Estou chegando, vou contigo!” Estupefatos, os Irmãos lhe perguntam a quem dirigia aquelas palavras. E ele respondeu que via partir para o céu o bem-aventurado Francisco. E dizendo essas palavras, naquele mesmo instante, também ele entrou para sua felicidade no repouso. Pela mesma época, o bispo de Assis ia em peregrinação ao santuário de São Miguel no monte Gargano. Apareceu-lhe o bem-aventurado Francisco, cheio de júbilo, na hora de seu passamento, e lhe anunciou que deixava este mundo para ir ao céu com grande alegria. No dia seguinte, ao acordar, o bispo contou a visão que tivera, voltou a Assis, informou-se a respeito do ocorrido e se convenceu de que o bem-aventurado Pai havia deixado este mundo no momento em que ele viera anunciar-lhe a notícia.

7. A santidade de Francisco quis Deus manifestá-la ainda por outros prodígios depois de sua morte. Os devotos o invocavam, e em consideração dos méritos do santo o poder de Deus restituía a vista aos cegos, ouvido aos surdos, palavra aos mudos, movimento e sensibilidade aos coxos e paráliticos; escleroses, contraturas e fraturas eram curadas; libertava prisioneiros, reconduzia os naufragos ao porto da salvação; às mulheres em perigo de morte por ocasião do parto concedia uma hora feliz e fácil de dar à luz; expulsava demônios, restituía a saúde aos que sofriam de hemorragia, aos leprosos, aos feridos de morte; e o que é mais estupendo: ressuscitava os mortos.

8. Todos os países do mundo atestam o continuo fluxo de abundantes graças concedidas por seu intermédio. Eu mesmo, que redigi o que se acaba de ler, fiz tal experiência, e fui agraciado por sua intercessão. Ainda bem menino, estava eu muito doente. Minha Mãe fez uma promessa a nosso bemaventurado Pai Francisco e bastou isso para me livrar da morte e me tornar novamente São, forte e disposto para viver. Tenho esse fato bem vivo na memória e me cumpre proclamá-lo publicamente para que meu silêncio não me coloque no numero dos ingratos. Apesar de nossa indignação e indignidade, sem comparação com teus méritos, recebe, pois, ó Pai santo, todas as nossas ações de graças; acolhendo nossas preces, perdoa nossas faltas e intercede para que os teus fiéis e devotos sejam livres dos males presentes e conduze-os à felicidade eterna.

9. Devemos concluir aqui. Consideramos a conversão do bem-aventurado Francisco, a eficácia de sua pregação, a excelência de suas sublimes virtudes, seu espírito de profecia e sua inteligência das Escrituras, a docilidade das criaturas irracionais, os sagrados estigmas recebidos e sua feliz passagem deste mundo para o céu. Considere o leitor esses sete testemunhos e verifique como Francisco se apresenta ao mundo inteiro como o grande arauto de Cristo, levando em sua pessoa o sinal do Deus vivo (Ap 7,2); esse papel que lhe foi reservado lhe vale nossa veneração, seus ensinamentos nossa adesão confiante, sua santidade nossa admiração. Nós, os que saímos do Egito, andemos, pois, em suas pegadas com toda segurança: ostentando ele diante de nós a cruz de Cristo, há de dividir o mar, nos fará atravessar os desertos e transpor o Jordão da morte, para que enfim, por sua intercessão, nos introduza na terra dos vivos, a Terra Prometida, Jesus nosso Salvador e nosso guia, a quem se dêem todo louvor, toda honra e toda glória, com o Pai e o Espírito Santo, na Trindade perfeita, pelos séculos dos séculos. Amém.